



Opinião Econômica

Marcos de Vasconcellos

Jornalista, assessor de investimentos e fundador do Monitor do Mercado

banrisul

Janela de IPOs também atrai alguns pesadelos

SpaceX faz maior oferta da história, mas investimento não é certeza de sucesso

Depois de assistir à maior abertura de capital da história, com a SpaceX, de Elon Musk, que hoje tem valor de mercado de quase US\$ 2,5 trilhões, o investidor brasileiro volta a sonhar com a próxima “janela de IPOs”, quando empresas encontram condições favoráveis para buscar dinheiro no mercado. Com a Selic projetada em 12% ao fim de 2027, essa oportunidade parece ainda distante.

Assim como a seca de IPOs tem sido dolorosa, é bom lembrar que a inundação não ajuda. Uma movimentação recente no mercado brasileiro mostra como o otimismo da última janela transformou o sonho de traders no pesadelo de investidores.

O caso é o do TC, antigo Traders Club. A empresa chegou à

Bolsa em julho de 2021 avaliada em R\$ 2,7 bilhões. A oferta movimentou R\$ 606,9 milhões, dos quais R\$ 527,8 milhões entraram no caixa da companhia. Desde então, o TC mudou seu modelo de negócios sucessivas vezes e consumiu quase todo o caixa. Hoje, vale cerca de R\$ 50 milhões no mercado. E aqui vou falar apenas do negócio em si, ignorando polêmicas e pessoas envolvidas.

No balanço de 2021, o primeiro após o IPO, o TC se definia como uma “legítima companhia SaaS”, que vendia assinaturas de sua plataforma de informações e serviços. Na época, 98,2% delas estariam vinculadas a planos anuais com renovação automática. A empresa foi às compras, triplicou sua equipe e adquiriu negó-

cios. Terminou o ano com R\$ 318,4 milhões em caixa.

O modelo planejado já não era o bastante. No balanço de 2023, anunciou a migração para uma “fase transacional”, por meio de parceria com a corretora Genial, na qual o TC passava a buscar receita nas transações de seus clientes, não mais com assinaturas.

A nova estratégia também não bastou. Ainda que, meses antes do IPO, seu fundador, Pedro Albuquerque, tivesse sido categórico ao afirmar que o TC nunca seria uma corretora, três anos depois, uma corretora própria virou o centro do negócio. Ao divulgar o balanço de 2024, a empresa comemorava: “assumimos as chaves da nossa corretora”. Em maio de 2025, dizia que “o futuro

é promissor”.

O futuro durou pouco. No primeiro trimestre de 2026, o TC classificou o varejo como “intensivo em consumo de caixa” e anunciou a saída gradual do segmento para se concentrar em tecnologia, dados e gestão de recursos. Em caixa e equivalentes, restavam minguados R\$ 5,8 milhões.

No último mês, a operação de assessoria incluindo a base de clientes, o aplicativo e direitos sobre parte da marca foi vendida por R\$ 4,5 milhões, enquanto a corretora entrou em processo de venda. Sobraram dentro do grupo algumas poucas empresas que foram adquiridas ao longo da inglória jornada.

A companhia chegou inclusive a propor abandonar o nome TC

e passar a se chamar Economatica, a mais rentável do grupo, que havia sido vendida para a Reag, mas recomprada quando esta se enrolou no escândalo do Banco Master.

O TC não perdeu valor por escolher um modelo ruim, mas por trocar sucessivamente de identidade: comunidade, SaaS, plataforma transacional, corretora e, agora, empresa de dados. O IPO entregou milhões para que a administração tentasse descobrir seu negócio. E não parecem ter encontrado.

A maior lição do clube de traders está no balanço: dinheiro novo não corrige falta de direção, mas torna os erros muito caros. Mais do que uma janela de IPOs, o investidor deve buscar quem enxergue um horizonte através dela.

Dívida pesando ou caixa apertado?

Com o **Desenrola Brasil** no Banrisul, você encontra formas de reorganizar as finanças e seguir em frente, seja pessoa física ou empresa.



banrisul

NOVO **DESENROLA BRASIL**
SAC 0800 646 1515
Ouvidoria 0800 644 2200

Programa de incentivo à indústria receberá mais R\$ 140 bilhões em 2026

/ INDÚSTRIA

A Nova Indústria Brasil (NIB), política do governo federal de incentivo à indústria nacional, vai receber o aporte de mais R\$ 140 bilhões até o fim deste ano. Com o incremento, o programa de apoio do banco à industrialização chegará a R\$ 750 bilhões de investimentos desde 2023.

Do novo conjunto de recursos, R\$ 102,5 bilhões sairão dos cofres do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), banco público vinculado ao governo federal voltado ao fomento de setores estratégicos da economia.

A Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), agência de fomento à inovação, ligada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), contribuirá com R\$ 37,5 bilhões.

O anúncio do aporte de re-

ursos para o programa foi feito ontem, durante cerimônia pelo aniversário de 74 anos do BNDES, na sede da instituição, no Rio de Janeiro.

O evento contou com a participação dos presidentes da República, Luís Inácio Lula da Silva; do BNDES, Aloizio Mercadante; do vice-presidente, Geraldo Alckmin e de ministros.

Os recursos serão destinados às áreas de fertilizantes, máquinas agrícolas, insumos farmacêuticos ativos (IFAs), biofármacos, terapias avançadas, mobilidade sustentável, inteligência artificial, audiovisual, minerais críticos e tecnologias duais (aplicações civis e militares).

O ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Márcio Elias Rosa, apontou que, embora o BNDES tenha aportado os recursos da NIB, o setor privado acompanhou o investimento.

Segundo ele, o BNDES atua como um catalisador de investimentos privados. “Das seis missões (objetivos estratégicos) que nós desenhamos na NIB, em quatro delas o setor privado é o que responde pela maior parte dos investimentos”, apontou.

Na mesma solenidade, o governo federal lançou o Portal Investe Indústria Brasil. O ambiente virtual tem apoio da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI) e funciona como um canal para empresas dos setores estratégicos registrarem intenções de investimento e os gargalos que impedem a realização.

No evento, o BNDES e a Petrobras anunciaram uma parceria para construir iniciativas de pesquisa, desenvolvimento e inovação relacionadas a minerais críticos e estratégicos, essenciais às cadeias de transição energética e de óleo e gás.

Terceira semana de junho registrou superávit de US\$ 3,061 bilhões

/ BALANÇA COMERCIAL

A balança comercial brasileira registrou superávit comercial de US\$ 3,061 bilhões na terceira semana de junho. De acordo com dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC) divulgados ontem, o valor foi alcançado com exportações de US\$ 9,320 bilhões e importações de US\$ 6,259 bilhões.

O mês de junho acumula superávit de US\$ 7,636 bilhões, resultante de US\$ 25,604 bilhões em exportações e US\$ 17,968 bilhões em importações.

Até a terceira semana de junho, comparado ao mesmo período do mês de 2025, as exportações cresceram 26%. O desempenho dos setores foi o seguinte: crescimento de 21,9% em Agropecuária, que somou US\$ 5,89 bilhões; crescimento de 70,3% em Indústria Extrativa, que chegou a US\$ 7,47 bilhões e, por fim, cres-

cimento de 10,0% em Indústria de Transformação, que alcançou US\$ 12,12 bilhões.

Em relação às importações, houve alta de 10,7% na mesma comparação. Houve queda de 0,8% em Agropecuária, que somou US\$ 0,31 bilhões; crescimento de 11,6% em Indústria Extrativa, que chegou a US\$ 0,74 bilhões e, por fim, crescimento de 11,0% em Indústria de Transformação, que alcançou US\$ 16,81 bilhões.

De janeiro até a terceira semana de junho, o ano acumula superávit de US\$ 40,298 bilhões, um crescimento de 41,6% em relação ao mesmo período de 2025, quando o superávit no período somava US\$ 30,186 bilhões.

A projeção do MDIC é de que o superávit da balança comercial seja de US\$ 72,1 bilhões neste ano. O resultado projetado para este ano é decorrente de uma previsão de US\$ 364,2 bilhões em exportações e US\$ 292,1 bilhões em importações.